
EM TEMPOS COVID, MEMÓRIA(S) DE PANDEMIAS E DO MÉDICO-CULTURAL
RICARDO JORGE

IN COVID TIMES, MEMORY (S) OF PANDEMICS AND MEDICAL-CULTURAL RICARDO JORGE

Carmen Matos Abreu

Faculdade de Letras da Universidade do Porto / CITCEM – Portugal. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5723-1120>.

RESUMO: No início de 2020 nada faria prever o atual surto pandémico COVID-19! A Humanidade estagnou diante desta tremenda ameaça à vida humana e o corpo clínico, numa luta desigual, desdobrou-se na busca de novos conhecimentos e pesquisas laboratoriais, em que as redes virtuais foram soberanas na troca de informação. Contudo, epidemias e pandemias sempre assolaram o planeta. O século XIX conheceu a cólera, febre-amarela, tuberculose e finalmente a peste negra, sendo que no combate a esta última os estudos científicos do Dr. Ricardo Jorge tornaram-no no primeiro epidemiologista português - conteúdos do V MEDINFOR VINTE, VINTE, este ano virtual.

Palavras-chave: Ricardo Jorge – Médico-Cultural; Epidemia; Pandemia; Peste bubónica; V MEDINFOR VINTE, VINTE

ABSTRACT: At the beginning of 2020, nothing could predict the current pandemic outbreak COVID-19. Humanity stopped in the face of this tremendous threat to human life and the medical staff endeavored seeking for new knowledge and laboratory research, in which virtual networks have been fundamental in the exchange of information. However, epidemics and pandemics have always plagued the planet. In the 19th century, cholera, yellow fever, tuberculosis and finally the black plague attacked Humanity, and the scientific studies of Dr. Ricardo Jorge in the fight against the latest plague made him the first Portuguese epidemiologist – some contents of V MEDINFOR TWENTY, TWENTY, necessarily virtual.

Keywords: Ricardo Jorge – Medical-Cultural; Epidemics; Pandemics; Bubonic Plague; V MEDINFOR, TWENTY, TWENTY.

1 INTRODUÇÃO

Surpreendida por uma pandemia que assolou o planeta Terra quando nada o faria prever, o que ironicamente cumpre a normalidade destas incursões víricas, a Humanidade estagnou diante do monstro invisível e imprevisível na sua capacidade de aniquilação de vidas, modos sociais, propósitos, vontades, num tremendo e insolente desafio à ciência médica que

investe, desesperadamente, para salvar vidas humanas ultrapassando os limites das suas capacidades físicas e emocionais e do seu conhecimento clínico. Indefesa, tudo cristalizou a Humanidade, expectante do porvir, sem conjeturas nem certezas, medrosamente entregue a insondáveis destinos remetidos para auras de esperança na Medicina e fé no poder Universal, das quais se tem alimentado. E foi assim que, subitamente, a atual Humanidade se viu transportada do normal das suas vidas para o agora-dito novo normal, algo que ainda não se conhece, algo que continua em construção segundo um padrão que está por definir. Como sempre, o tempo encarregar-se-á de nos emoldurar individual e socialmente segundo um desígnio a cumprir, ao qual o Colóquio Internacional V MEDINFOR VINTE, VINTE compulsivamente obedece, submetendo o encontro académico e debate científico à perspectiva virtual.

2 DESENVOLVIMENTO

A secção de trabalhos “Médicos-Cultural: Informação, Memória, Identidade e Património” da série de Colóquios MEDINFOR tem-se vindo a dedicar, conforme o título indicia, à recuperação de espaços de memória registados por médicos-escritores e suas práticas clínicas, por vezes a partir de relatos ficcionais pese embora num traçado literário bastante realista, recuperação conseguida a partir dos acervos literários onde se arrolam os modos e saberes da época em que essas mesmas obras foram escritas. Imperioso será mencionar que todo o acervo de que as Casas-Museu se compõem são outro extraordinário contributo neste âmbito, o qual tem também vindo a ser explorado nestes encontros. Pessoalmente, desde a realização do MEDINFOR I, em 2008, tenho-me dedicado ao estudo crítico e analítico de algumas obras e acervos de médicos-escritores, na sua relação da Medicina com a Informação. Foram considerados alguns nomes de médicos cujas vidas, e obras, se situam entre os séculos XIX e XXI, subordinando os seus textos à perspectiva de recuperação literária de identidades, saberes e fazeres clínicos, relações dialógicas médico-doente e *vice-versa*, ou ainda médico-sociedade em geral, marcadores romanescos reconhecidamente interessantes neste âmbito, quer do ponto de vista da identidade e memória, quer do ponto de vista da informação clínica e do respetivo património material e imaterial das épocas que lhes são correspondentes.

Introduzindo no debate o conhecimento epocal acerca dos avanços e limitações com que esses médicos se confrontavam na observação do paciente, a par dos meios de disseminação informativa entre os seus pares e/ou o público em geral, tais registos literários são cabais demonstradores do quadro de atuação e constrangimentos desses profissionais da saúde. É entretanto curioso notar-se, e com bastante regularidade, a preocupação que os escritores-médicos denotam ao conceder o enfoque da ação narrativa à estrutura psicológica do paciente na sua relação com o quadro clínico de que se queixam, a qual geralmente nem sempre é considerada, quer como fator determinante do diagnóstico, quer como condicionante à terapêutica a administrar, quer ainda como condição de relevância na definição estratégica da respetiva profilaxia dos vários estados patológicos a prescrever ou a (re)considerar. Dentro deste quadro de tensões e perplexidades acerca dos procedimentos de observação clínica, e a partir de textos ficcionais – romances ou contos –, permito-me recordar que já apresentei nos MEDINFOR anteriores os seguintes textos: “A medicina e a tradição médica em Júlio Dinis: um estilete sentimental na «ciência do coração»”, *in*, *A Medicina na Era da Informação*, MEDINFOR I, 2008, (escritor-médico Júlio Dinis, séc. XIX) ; “Acerca do espólio de Júlio Dinis: um percurso investigativo”, *in*, *Medicina e Informação: olhares Luso-brasileiros*, MEDINFOR II, 2011, (mesmo escritor-médico); “não há causas antecipadamente perdidas” – medicina, realismo e informação em Fernando Namora”, *in*, *Informação e Saúde: percursos de interdisciplinaridade*, MEDINFOR III, 2014, (escritor-médico Fernando Namora, séc. XX); e finalmente, “Paradigmas sociais do realismo urbano nos contos do médico Miguel Miranda” e “Miguel Miranda – o «fura-greves» da Sociedade do Rio” – este em coautoria com a Prof. Dout. Zeny Duarte Miranda –, *in*, *Informação, Saúde e Cultura*, MEDINFOR IV, 2017 (escritor-médico Miguel Miranda, séc. XXI).

No momento em que o V MEDINFOR VINTE, VINTE decorre, tempos de COVID-19, estamos mergulhados num surto pandémico que já configura uma eternidade, embora apenas grasse no planeta há alguns meses. Porém, dada a circunstância da presentificação deste fenómeno pandémico não seria, esperadamente, possível recuperarem-se memórias literárias em analogia com aquelas com que organizamos os trabalhos anteriores. Com registos já profundamente catastróficos para a Humanidade, confrontamo-nos com uma manifestação pandémica que pulsa no aqui e agora, atualidade que impossibilita, e limita, a que médicos, escritores, e demais intelectuais entrem no espaço de análise e observação para

poderem representar na arte os seus pareceres e quadros de vida acerca desta matéria, aos quais o afastamento temporal é circunstância imperativa. Mas certamente que o passar do tempo irá trazer o registo escrito de muitos olhares, dificuldades, insuficiências, carências, emoções, vitórias e derrotas na luta pela conquista maior do compromisso da Medicina – a preservação da vida humana! Ainda não é chegado o momento de expansões artísticas do intelecto, este é ainda um momento de profundas azáfamas hospitalares, laboratoriais e de partilhas de informação na luta e descoberta do antídoto para o invisível raptor de homens. Com esta breve explanação pretendemos veicular a necessidade que experimentamos de acima ter apontado os nossos trabalhos anteriores, como elementos auto justificativos, pelo natural contraste, do trabalho que iremos apresentar neste V MEDINFOR VINTE, VINTE. Todo o atual processo pandémico em curso, repetimos e sublinhamos, não conhece o distanciamento temporal necessário que permita organizar a compreensão dos escritores-médicos no sentido de conciliar e formatar registos e juízos censores da relação clínico-social em tempos de COVID-19. E sendo este o tema deste Colóquio, do ponto de vista literário diríamos que os recursos são inexistentes. Para além de alguns artigos jornalísticos, entretanto publicados por alguns médicos quando o cerne da problemática do vírus SARS-CoV-2 luta ainda contra todas as incertezas, múltiplas apreensões e tentativa de compreensões, Esculápio não terá ainda autorizado que a imaginação narrativa dos seus clínicos se manifestasse.

Pelas mesmas razões, e para privilégio do necessário enquadramento, entendemos ser também pertinente o recurso a uma brevíssima abordagem de outros surtos pandémicos, popularmente denominados por pestes ou pragas, que ao longo dos séculos se disseminaram no planeta, epidemias e pandemias sempre de risco muito elevado para o ser humano, porquanto altamente contagiosas e mortíferas. Dentre tais doenças recordamos a varíola, peste negra, peste bubónica, lepra, cólera, tuberculose, tifo, sarampo, gripe asiática, malária, ébola, SIDA ou, mais recentemente, a SARS e a gripe A, catástrofes também muito fixadas ao longo dos tempos pela arte, sobretudo a pictórica, conforme daremos conta na ocasião própria. Mas mais se entenda ainda que esta sumariada enumeração apenas se compagina como suporte cronológico de memórias pandémicas que desaguaram no atual surto COVID-19, o Novo Corona Vírus. Posto isto, no quadro de surtos infecciosos, referir epidemias ou pandemias no século XIX é, quase imperiosamente, trazer à memória a tuberculose, conceito

de devastação pelo bacilo de Koch, médico que o determinou. Esta doença infecciosa, que matava cerca de 95% dos infetados, e que em países em vias de desenvolvimento ainda vai constituindo uma das principais causas de morte, afinal tendo já sido conhecida de Hipócrates sabe-se que ataca o homem desde a Antiguidade, talvez mesmo desde tempos imemoriais. Com o afastamento da assim chamada “tísica pulmonar”, conhecida ainda por “peste branca”, “doença do peito” e “doença romântica”, dado na arte ser muito representada pelos intelectuais da época, na Europa viveram-se trezentos anos de acalmia da calamidade tuberculínea após os quais a voltou a assolar no início do século XIX, e à qual Portugal sucumbiu em larga escala. Mas não só a tuberculose, pois também a cólera e a febre-amarela dizimaram milhares de vidas ao longo desse século, só que, por funesto entendimento social, a tuberculose assumiu a metonímia dos surtos pandémicos de Oitocentos.

Parece-nos o momento de referir que o Dr. Ricardo Jorge, tendo nascido em meados do século XIX (Porto-1858 e Lisboa-1939), foi um médico que dedicou os seus estudos e aprofundou o saber científico no âmbito das doenças infecciosas. Todavia, tendo-se tornado no primeiro médico epidemiologista português, a consagração médica não lhe coube tão-somente pelas descobertas inerentes à tuberculose ou outras, mas pela investigação e acompanhamento clínico da segunda vaga de peste bubónica que se iniciou no Porto, já na curva do séc. XIX para o séc. XX. Acresce mencionar que um dos fulcros de atuação contra a peste bubónica que o Dr. Ricardo Jorge estabelecia e impunha era o cumprimento dos processos de higienização sanitária, numa nova lógica de se encarar, conceber e solucionar a doença. Mas o médico não foi bem-sucedido junto do povo, pois nem tudo correu bem do ponto de vista da aceitação social das novas exigências profiláticas, sendo que uma insurreição popular o obrigou a abandonar a cidade do Porto sediando-se em Lisboa, conforme oportunamente se relatará. Saliente-se, entretanto, que o Dr. Ricardo Jorge foi ainda um intelectual das Letras, ensaísta, pensador, rigoroso cultor da língua portuguesa, por vezes ainda polemista.

A sua investigação desdobrou-se, segundo o próprio médico anotou. Do ponto de vista clínico, recorrendo e utilizando os recursos da análise patológica epocais; do ponto de vista sanitário, avaliando as causas e evolução da doença no quadro das práticas de higiene popular; e do ponto de vista social, no reconhecimento de que se tratava de uma doença

facilmente propagável, que não só perturbava como afetava profundamente a vida física, moral e económica do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o necessário enquadramento, esta será a ordem estruturante do texto que apresentaremos à comunidade científica do Colóquio V MEDINFOR VINTE, VINTE. Acompanhada da análise de alguns textos do Dr. Ricardo Jorge – e contam-se mais de duas centenas de publicações, na sua grande maioria da ciência médica –, a minha comunicação será ainda atravessada por considerações recolhidas de outros textos da crítica que lhe foi atribuída, onde naturalmente se incluirá o meu olhar literário que fará ainda a transposição para outros textos, também de alguns médicos-cultural, publicados na imprensa diária durante os meses-COVID-19.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. Fernandes, Ricardo Jorge e a Saúde Pública em Portugal. In: **Arquivos de Medicina**, dezembro 2007. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/262722415_Ricardo_Jorge_e_a_Saude_Publica_em_Portugal
- COELHO, Eduardo, **O Prof. Ricardo Jorge**, Paris-Lisboa, Livrarias Aillaud & Bertrand, 1929.
- COSTA, R. M. Pinto, Um mergulho nas viagens de Ricardo Jorge. In: **Jornal Público**, Lisboa, 17 dezembro 2019.
- GRAÇA, Luís, A Escola Nacional de Saúde Pública: origens e história do ensino da saúde pública em Portugal. In: **Portuguese Journal of Public Health**, Lisboa, Universidade NOVA de Lisboa, 2019.
- JORGE, Ricardo, **A Peste Bubónica no Porto – 1899: Seu descobrimento -Primeiros trabalhos**, Porto, Repartição de Saúde e Hygiene da Camara do Porto, 1899.
- LARRY, B. Jaime, Ricardo Jorge e as relações entre Portugal, Brasil e África: o caso da febre amarela. In: **História da Ciência Luso-Brasileira: Coimbra entre Portugal e o Brasil**, Carlos Fiolhais, Carlota Simões, Décio Martins (eds.), Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
- LEITÃO, Joaquim, **A Peste – Aspectos moraes da Epidemia Nacional**, Lisboa, Livraria Central, 1901.
- MORENO, Humberto C.B., **Para o estudo da Peste Negra em Portugal**, Braga, Bracara Augusta, vol. XIV-XV, nºs 1 – 2 (49-50). Separata.
- MALPIQUE, Cruz, Ricardo Jorge - o escritor. In: **O Tripeiro**, Porto, Ano III, nº 11, março 1958. Separata.
- PEREIRA, A. Lemos; PITA, J. Rui, Ciências. In: **História de Portugal: o Liberalismo**, Luís R. Torgal e João L. Roque (coord.), V vol., Lisboa, Editorial Estampa, 1993.
- PETER, Haggett, **The geographical structure of epidemics**, Oxford, Clarendon Press, 2000.

PINA, Luís de, **Ricardo Jorge e Ribeiro Sanches - Dois homens, duas épocas**, Lisboa, Editora Médica, 1941.

PONTES, Davi M. G. L., **O cerco da peste no Porto – Cidade, imprensa e saúde pública na crise sanitária de 1899**, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012. Dissertação de Mestrado.

SOARES, Jorge, As decisões cientificamente correctas podem, às vezes, não ser as mais prudentes. In: **Jornal Público**, Lisboa, 7 maio 2020.

VIEIRA, A. Borges Vieira, Ricardo Jorge: Da fúria popular ao lançamento das bases do Sistema Nacional de Saúde. In: **Jornal Público**, Lisboa, 22 março 2020.

VIEIRA, Ismael C, **Conhecer, tratar e combater a «Peste Branca». A Tisiologia e a Luta cotra a Tuberculose em Portugal (1853-1975)**, Porto, CITCEM e Edições Afrontamento (coedição), 2015.

Recebido/ Received: 18/08/2020 Aceito/ Accepted: 09/09/2020 Publicado/ Published: 25/10/2020
--